



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS

INGRYD DA CONCEIÇÃO NASCIMENTO

**A DISCIPLINA HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL I: análise dessa prática
na UEMD Sarney de Araújo Costa Codó MA**

CODÓ-MA

2022

INGRYD DA CONCEIÇÃO NASCIMENTO

**A DISCIPLINA HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL I: análise dessa prática
na UEMD Sarney de Araújo Costa**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação
em Ciências Humanas, da Universidade Federal do
Maranhão – UFMA, como requisito para a obtenção
do título de Licenciado em Ciências Humanas.
Orientadora: Profa. Liliane Faria Corrêa Pinto

CODÓ - MA
2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Nascimento, Ingrid da Conceição.

A disciplina historia no Ensino Fundamental I: Analise
dessa pratica na UEMD Sarney de Araújo Costa Codó-Ma /
Ingrid da Conceição Nascimento. - 2022.
34 p.

Orientador(a): Liliâne Faria Correia Pinto.
Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
História, Universidade Federal do Maranhão, Codó-MA, 2022.

1. Aprendizagem. 2. Disciplina História. 3. Práticas
Pedagógicas. I. Correia Pinto, Liliâne Faria. II. Título.

**A DISCIPLINA HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL I: análise dessa prática
na UEMD Sarney de Araújo Costa**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação
em Ciências Humanas, da Universidade Federal do
Maranhão – UFMA, como requisito para a obtenção
do título de Licenciado em Ciências Humanas.
Orientadora: Profa. Liliâne Faria Corrêa Pinto

Aprovado(a) em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

EXAMINADOR 01

EXAMINADOR 02

EXAMINADOR 03

Dedico este trabalho a toda minha família, que soube compreender minha ausência durante esse período. E que sempre me incentivou nessa árdua caminhada. Nesse momento não há outra palavra a não ser “muito obrigado” para expressar sentimentos.

AGRADECIMENTO

Agradeço em primeiro lugar a Deus, nosso pai Superior e Supremo.

A minha família, pela força dada durante esta longa caminhada.

Aos professores que transmitiram seus conhecimentos, e souberam compreender durante nossas falhas. De modo especial ao professor Domingos Ribeiro Mendes Junior que muito contribuiu para a construção da pesquisa.

A minha orientadora Liliane Faria Corrêa Pinto pelo incentivo, orientações e ajuda durante todo este período de trabalho.

Aos colegas de classe, que durante esta jornada nos tornamos amigos de verdade.

Aos todos os funcionários da Instituição, que nos ajudaram de forma direta e indiretamente.

**"A educação faz um povo fácil de ser liderado, mas difícil de ser dirigido
de ser governado, mas impossível de ser escravizado."**

Henry Peter

RESUMO

O trabalho apresenta o resultado da pesquisa da disciplina História no segundo ciclo do Ensino. A disciplina por ser uma fonte histórica que nos permite conhecer o antepassado, entender o presente e questionar sobre questões futuras é essencial que seja apresentada de forma a contribuir para o entendimento sistemático da aprendizagem. Investigar a disciplina de história e sua desenvoltura diante da prática do professor na identificação histórica bem como para a construção de cidadãos críticos. A metodologia utilizada iniciou com a revisão da literatura posteriormente a pesquisa de campo, que caracterizou o estudo de caso por estudar uma unidade específica, seguida da observação, com acompanhamento das aulas e entrevistas com o professor de história. Os resultados revelam que o professor tem a consciência de que o ensino precisa ser dinamizado com intuito de propor significados na aprendizagem dos alunos, mas devido à falta da escassez de recursos didáticos, prática docente inovadora, infraestrutura e acompanhamento pedagógico esse ensino acaba sendo na maioria das vezes expositivo e dialogado. As considerações finais evidenciam que é possível tornar o ensino de história mais motivacional e atrativo para os alunos, mas para que isso ocorra é fundamental que haja mudanças estratégicas nesse processo. Sugerimos práticas para serem aplicadas nas turmas com o intuito de dinamizar o aprendizado e inovar nas metodologias aplicadas.

PALAVRAS-CHAVES: Disciplina História. Aprendizagem. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

The work presents the result of the research of the discipline History in the second cycle of Education. The discipline, being a historical source that allows us to know the ancestor, understand the present and ask questions about future issues, it is essential that it be presented in a way that contributes to the systematic understanding of learning. Investigate the discipline of history and its resourcefulness in the face of the teacher's practice in historical identification as well as for the construction of critical citizens. The methodology used started with the literature review, after the field research, which characterized the case study by studying a specific unit, followed by observation, with monitoring of classes and interviews with the history teacher. The results reveal that the teacher is aware that teaching needs to be streamlined in order to propose meanings in student learning, but due to the lack of didactic resources, innovative teaching practice, infrastructure and pedagogical monitoring, this teaching ends up being mostly sometimes expository and dialogic. The final considerations show that it is possible to make the teaching of history more motivational and attractive for students, but for this to happen, it is essential that there are strategic changes in this process. We suggest practices to be applied in classes in order to boost learning and innovate in the methodologies applied.

KEY WORDS: History. Learning. Pedagogical practices.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 09 |
| 2 BREVE HISTÓRICO DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA NO MUNDO E NO BRASIL | 11 |
| 2.1 A disciplina na contemporaneidade | 16 |
| 2.2 O estudo de história e aprendizagem histórica | 18 |
| 3 A CONHECENDO O CAMPO DE PESQUISA | 21 |
| 3.1 A disciplina no ensino fundamental na UEMD Sarney de Araújo Costa | 22 |
| 4 A MOTIVAÇÃO PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA | 26 |
| 4.1 Propostas metodológicas de atividades para o ensino de história numa perspectiva construtivista | 28 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 32 |
| REFERENCIAIS | 34 |

1 INTRODUÇÃO

A educação é um direito de todos, como estabelecido no Art. 205 da Constituição Federal. Assim, fazendo com que a escola cumpra com essa determinação propiciando aos alunos condições para o acesso ao conhecimento. É importante o professor saber que: “quanto mais o aluno sentir a história como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer” (KARNAL, 2008, p. 28).

Sabe-se que a realidade das aulas de História tem enfrentado desafios, tais como elementos cotidianos desmotivadores e, principalmente, o pouco incentivo à leitura. Ocorre também a falta de recursos e credibilidade em relação ao espaço escolar. Muitas vezes nos deparamos com a ausência de material, de apoio pedagógico junto ao trabalho do professor *in lócus* o de história e de estratégias que possam fazer com que o ensino de história seja atrativo para os alunos despertando o interesse, e o prazer de assistirem as aulas. Isso foi observado em nosso trabalho de campo na UEMD Sarney de Araújo Costa nos anos de 2018 e 2019 com as turmas do Ensino Fundamental no turno vespertino.

A pesquisa é de cunho bibliográfico, com referências para embasar as fundamentações coerentemente, mais também com atividades de campo qualitativas. A coleta de dados no ano de 2018 foram os primeiros contatos com a ela, apresentação junto ao gestor da escola e posteriormente conhecendo o campo de pesquisa, para até então ter o contato com a sala de aula o que ocorreu em 2019 ao aplicar a entrevista. O sujeito da pesquisa foi o professor da escola, que preferiu não se identificar, por não ser concursado. Foi realizada no campo de pesquisa a observação das aulas e a aplicação de atividades e provas, elaboradas pelo professor, com os alunos, além de uma análise preliminar do livro didático adotado. A obra adotada na escola é *História & Sociedade*, de autoria Alfredo Boulos, editado pela FTD cuja sigla é uma homenagem a Frère Théophane Durand, uma editora brasileira criada em 1902. Foi publicado em 2018 e é construído dentro dos princípios da Base Nacional Comum Curricular – BNCC. O material didático é ilustrativo, possui uma linguagem clara e objetiva para as faixas etárias apresentadas do Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano. A obra contextualiza os

objetos de conhecimento de forma pertinente. Os textos têm uma linguagem acessível, com palavras simples, e adequado para jovens e adultos. Seu conteúdo pode ser ministrado em ambientes culturais diversos, desde que com a instrução de um professor.

Há quem pense que a disciplina História seja sinônimo de fatos históricos do passado, numa perspectiva temporal e narrativa da historiografia tradicional, mas não deveria ser assim. Para Eric Hobsbawm: “todo estudo histórico, portanto, implica uma seleção, uma seleção minúscula, de algumas coisas da infinidade de atividades humanas do passado, e daquilo que afetou essas atividades. mas não há nenhum critério geral aceito para se fazer tal seleção” (HOBBSAWM, 1998, p. 71)

Temos que entender o passado, levando em consideração o que se sistematiza no presente sobre ele e a história dessa sistematização. Marc Bloch (2001, p. 55) salienta que “é um desafio o ofício do historiador, pois a história, não é uma ciência apenas do passado, mas também do presente.” Assim, ele traz a concepção de história como a “ciência dos homens”, mas acrescenta, “dos homens, no tempo”.

É importante lembrar que a História é uma das disciplinas que se constrói por meio da discussão, da compreensão e, principalmente, da interpretação. A aprendizagem nas aulas é feita a partir de uma construção cultural, que permite ao aluno valorizar seu patrimônio cultural, sua origem, seu passado e o contexto em que está inserido e de onde vem; respeitando todas as narrativas apresentadas nos livros didáticos.

Nesse sentido, atualmente, O ensino de História tornou-se fundamental para se repensar a cultura humanística sob uma nova concepção de formação científica na qual o conhecimento histórico se inseria “em uma perspectiva não resumida ao passado que paralisa, mas como expressão de um futuro que libera” (GARIN, 1968, p.251). O aluno deve ser capaz de reconhecer as transformações pelas quais passaram as sociedades para relacioná-las com a atualidade.

A partir dessas assertivas de que o Ensino de História é importante para a reflexão crítica sobre as culturas e o homem no tempo e seu aprendizado deve ser feito de forma construtivista que desenvolvemos essa pesquisa com o objetivo de Investigar a disciplina de história e sua desenvoltura diante da prática do professor na identificação histórica bem como para a construção de cidadãos críticos; identificar qual/quais as dificuldades encontradas pelo profissional de História da

escola pública municipal Desembargador Sarney Araújo Costa, na cidade Codó no Maranhão. Perguntamos aos professores da escola quatro questões básicas para entendermos como é o funcionamento do Ensino de História na escola, especificamente, para alunos das séries do Ensino Fundamental. As perguntas foram: Qual a importância da disciplina História nos dias de hoje? Como ele prepara as aulas? Quais as dificuldades enfrentadas por ele durante as aulas? Qual a dinâmica de sala de aula em relação à participação dos alunos?

2 BREVE HISTÓRICO DA DISCIPLINA HISTÓRIA NO MUNDO E NO BRASIL

A disciplina História é uma das mais antigas em caráter discursivo. A disciplina se encarrega em discutir o homem no campo social, econômico, político e cultural.

A passagem do século XVIII para o século XIX talvez tenha assistido ao momento de maior avanço no campo da Teoria da História por aqueles que como Hegel, para chegar a um único exemplo, busca entender e explicar, de preferência na forma de leis universais, o funcionamento das sociedades e sua evolução no tempo, sua história. (JURANDI, 2006, p.14)

O Ensino de História tanto quanto ciência, quanto área de ensino-aprendizagem se constitui em campo de produção de saberes e essa produção se desenvolve num campo de lutas entre a reflexão, a crítica e a alienação de uma sociedade.

Estudos sobre a história da educação europeia destacam que, a partir do século XVI, as Humanidades foram entendidas por intelectuais e educadores como uma formação originária dos antigos romanos e gregos que visava “oferecer uma preparação do indivíduo para ser homem em toda a plenitude do seu sentido” (CHERVEL; COMPÈRE, 1999, p.150).

No Brasil durante o período colonial, os jesuítas, como parte do projeto de consolidação do Estado-nação Europeu, usavam os textos históricos bíblicos na tarefa de ensinar a ler e escrever e através da leitura descritiva das paisagens. Em 1827, após o Brasil tornar-se monárquico e independente, a elite dominante teve acesso à “escola básica” ou de “primeiras letras” e se apropriou de conhecimentos

primários, “os professores elementares ensinavam a ler utilizando textos como: a constituição do Império e História do Brasil.” (BITTENCOURT, 2004, p.61).

Destaca-se que a história a partir de meados do século XIX ganha status oficial de disciplina escolar ao ser introduzida primeiramente no município do Rio de Janeiro pelo renomado Colégio Pedro II referência no ensino secundário em seu currículo escolar.

Além disso, do ponto de vista de Monteiro (2014) e Bittencourt (2018), as transformações do ensino de História têm proporcionado debates importantes relacionados aos problemas epistemológicos e historiográficos, mas também quanto ao significado de sua inserção e rejeição em projetos curriculares nacionais e internacionais. A proposta contida nessas transformações permite reflexões diante de conceitos históricos cientificamente bem estabelecidos como a necessidade de constituir certos tipos de racionalidade, que dispõem os currículos.

Deste modo, a valorização do saber de cada aluno precisa ser levada em consideração para estabelecer analogias que estejam ligadas com o cotidiano diário deles, o qual contribuirá para a construção do processo de aprendizagem, como vem sendo abordado nos Parâmetros Curriculares Nacionais desde da década de 1990.

Segundo os PCN's (1997, p. 19) os estudos da disciplina foram timidamente instituído por volta de 1827, associados às práticas de leitura e escrita, vejamos:

A partir da Constituição do Estado brasileiro a História tem sido um conteúdo constante do currículo da escola elementar. O decreto as Escolas de Primeiras Letras, de 1827, a primeira lei sobre a instrução nacional do Império do Brasil, estabelecia que os professores ensinassem a ler, a escrever, as quatro operações de aritmética (...), a gramática da língua nacional, os princípios de moral cristã e de doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionadas à compreensão dos meninos; preferindo, para o ensino da leitura, a Constituição do Império e História do Brasil.

A História do Brasil foi introduzida de fato, no ensino secundário, depois de 1855 e, logo após, foram desenvolvidos programas para as escolas elementares. Por volta de 1870, sob influência das concepções cientificistas que travaram em embate com os setores conservadores ligados a um ensino moralizante dominado pela Igreja Católica, os programas curriculares das escolas elementares foram sendo ampliados com a incorporação das disciplinas ciências físicas, de História Natural, com a doação dos preceitos sobre História e Geografia Universal, História do Brasil e História Regional. No final da década de 1870 foram feitas novas

reformulações dos currículos das escolas primárias visando criar um programa de História Profana mais extenso e eliminar a História Sagrada.

Em geral, as salas de aula eram palco de uma prática bastante simplificada. Por isso, as autoridades escolares exigiam dos professores o cumprimento mínimo da parte obrigatória composta de leitura e escrita, noções de Gramática, princípios de Aritmética e o ensino da Doutrina Religiosa. As disciplinas consideradas facultativas raramente eram ensinadas, o que fez a História Sagrada predominar sobre a História Civil Nacional.

Os programas de História do Brasil seguiam o modelo consagrado pela História Sagrada, substituindo as narrativas morais sobre a vida dos santos por ações históricas realizadas pelos heróis consideradas construtores da nação, especialmente governantes e clérigos. A ordem dos acontecimentos era articulada pela sucessão de reis e pelas lutas contra os invasores estrangeiros, de tal forma que a história culminava com os grandes eventos da “Independência” e da “Constituição do Estado Nacional”, responsável pela condução do Brasil ao destino de ser uma “grande nação”. (BRASIL, 1997, p. 21).

A inclusão da disciplina desde suas primeiras aparições no contexto educacional teve dois objetivos, segundo os educadores que pretendiam ampliar as disciplinas em ensino elementar, nos PCN's:

[...] dois objetivos: serviria como lições de leitura, com temas menos áridos, “para iniciar a imaginação dos meninos” e para fortalecer o “senso moral”, aliando-se a Instrução Cívica, disciplina que deveria substituir a “Instrução Religiosa” (1997, p. 20).

Os métodos de ensino então aplicados nas aulas de História eram baseados na memorização e na repetição oral dos textos escritos. Os materiais didáticos eram escassos, restringindo-se à fala do professor e aos poucos livros didáticos compostos segundo o modelo dos catecismos com perguntas e respostas, facilitando as arguições (CHARTIER, 1990)

Percebe-se também, as salas de aula eram exclusivamente de meninos, refletindo uma postura machista oitocentista e do início do século XX.

Com o passar do tempo, a disciplina foi se estruturando e ganhando espaço. A História da Civilização substituiu a História Universal, tirando a atenção da religiosidade para o processo civilizatório. A história Nacional trabalhava com conteúdos enfatizando as tradições, personagens históricos nas lutas pela defesa do território e da unidade nacional.

Houve inúmeras reformas, objetivando sempre uma construção curricular da escola pública, mas somente a partir de 1930, com a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública e a Reforma Francisco Campos, acentuou-se o fortalecimento do ensino, fazendo com que esse ensino se tornasse único e de abrangência nacional.

De acordo com os PCN's (1997, p. 23):

O ensino de História era idêntico em todo país, dando ênfase ao estudo de História Geral, sendo o Brasil e a América apêndices da civilização ocidental. Ao mesmo tempo refletia-se na educação a influência das propostas do movimento escolanovista dos chamados Estudos Sociais, no currículo escolar, em substituição a História e Geografia, especialmente para o ensino elementar.

A consolidação desses estudos que unificaram História e Geografia se deu a partir da lei nº 5.692/71, durante o governo militar. Relacionam-se sobre a sociedade e deveriam estar vinculados ao desenvolvimento psicológico do aluno. Ao longo dos anos, houve uma necessidade de desligar esses estudos um do outro, pois a visão dessas disciplinas juntas gerou os chamados pré-requisitos de aprendizagem, configurados nas necessidades da aquisição de noções e de conceitos.

Antes, história e geografia andavam juntas por terem linhas parecidas de raciocínio, mas com o passar do tempo houve a necessidade de separá-las para melhorar a compreensão. As duas disciplinas assumem linhas diferentes, mesmo tendo uma ligação entre si de conceitos e identidades, mas em alguma momento particularizam e fogem das igualdades que o sistema força a ter.

A partir dessa separação, a história enquanto ciência aprofundou-se nos estudos do homem através dos tempos procurando explicar os acontecimentos. Por outro lado, a disciplina de geografia debruça-se na descrição e nas interpretações das paisagens terrestres, a relação entre os fenômenos e a interligação com o meio natural não deixando de lado os acontecimentos as ações do homem no ambiente.

Sobre esse olhar, deve-se destacar que as reformas curriculares de ensino de 1971 previam a fusão das disciplinas História e Geografia, tornando-se os Estudos Sociais com o intuito de levar os alunos a desenvolver a noção de contextualização marcada pelo binômio tempo x espaço (BNCC 2017). Após muitas discussões nessa temática, tivemos somente na década de 1980, o desligamento dos Estudos Sociais e a volta das disciplinas História e Geografia separadamente. Segundo os PCN's (1997, p. 27):

No processo de democratização dos anos 80 os conhecimentos escolares passaram a ser questionados e redefinidos por reformas curriculares. As transformações da clientela escolar composta de vários grupos sociais que viviam um intenso processo de migração, do campo para as cidades, e entre os Estados, com acentuado processo de diferenciação econômico e social, forçavam mudanças no espaço escolar. As novas gerações de alunos habituavam-se à presença de novas tecnologias de comunicação, especialmente o rádio e a televisão, que se tornaram canais de informação e de formação cultural. Entrava pelas portas das escolas uma nova realidade que não poderia ser mais ignorada. O currículo real forçava mudanças no currículo formal. Essas mudanças passaram a ser consideradas e discutidas pelos diversos agentes educacionais preocupados em absorvê-las à organização e ao currículo escolar. Os professores tornaram-se uma importante voz uma configuração do saber escolar, diminuindo o poder dos chamados “técnicos educacionais”.

Desse modo, a construção do ensinar História, passou a ter maior significado e importância nos currículos escolares.

Os currículos de história refletem as muitas heterogeneidades do Brasil e por meio deles há, de um lado, uma luta para que exista uma história nacional hegemônica e de outro, narrativas mais abrangedoras respeitando os vários aspectos dos fatos históricos (REIS, 2006 e 2007). De acordo com Santos (1997), têm destacado que a História tem o dever de promover um diálogo entre as diferentes culturas e temporalidades, buscando contrapor passado e presente, partindo da hipótese de que pela contraposição com a diferença se constrói a identidade, desta forma favorecendo a constituição de uma cidadania nova.

Segundo os Parâmetros Curriculares (BRASIL, 2019):

A História sempre esteve articulada entre a História Civil e a História Sagrada; enquanto uma utilizava-se do conhecimento histórico como catequese, a outra era um instrumento de aprender a moral cristã, ou seja, o que era usado para pretextos cívicos.

As propostas vigentes no ensino não distinguiam as ideias morais e religiosas das histórias políticas dos Estados, nem dos costumes dos povos. No período do Império, prevaleceu a presença do ensino religioso no currículo escolar de primeiras letras e, no nível secundário, visando dar legitimidade à aliança estabelecida entre o Estado e a Igreja.

Por fim, a evolução dos conceitos, das linhas de pensamentos, dos pontos estabelecidos nos livros e dentro dos programas oficiais, começou a ser

questionados e superados, pois ali nasciam novas formas de se pensar a história. Então, aprender História não se reduzia a repetir as lições recebidas, mas a questioná-las e interpretá-las.

2.1 A disciplina na contemporaneidade

A História faz parte da vida do ser humano é através dela que se tem conhecimento dos acontecimentos históricos, nos permitindo entender melhor o passado, presente e refletir sobre o futuro. Por isso, a importância de se estudar a História.

O ensino da disciplina História é abrangente. Lida com os eventos históricos e suas significações. Afetar os alunos transformando-os em cidadãos críticos e reflexivos para compreender os processos humanos no tempo. Diante disso, a nova identidade que a disciplina assumiu após ter sido desvinculada da Geografia o que permitiu conhecer sua identidade, logo apresentando suas características.

Estudar História é uma forma de afirmar e reafirmar a construção do nosso conhecimento do passado. É muito fácil manipular aqueles que não detém saberes sobre sua história e cultura, mas para aquele que sabe de onde vem, é mais difícil cair em manipulações. Quanto mais conhecimento, mais contestador, crítico, inquieto e insatisfeito com as injustiças e, ao mesmo tempo, se torna capaz de enxergar saídas e de ter uma satisfação que o saber proporciona.

Segundo Conceição Cabrini,

Há a proposta de que os professores não se preocupem em transmitir uma visão sequencial da História e que precisamos mostrar aos alunos que a História é uma construção. E que o objeto de estudo deve ser escolhido juntamente com os alunos, e aconselham a construí-lo sob a forma de problemática da investigação do objeto (CABRINI, 1994, p. 54).

O Ensino de História sofreu modificações, foram criados novos conceitos. Se antes havia uma História relacionada à prática religiosa, hoje temos uma disciplina com propósitos reflexivos. Os conteúdos e temas sofreram modificações por causa dos questionamentos e das pesquisas desenvolvidas no campo e isso afeta as salas de aula, já que essas interpretações foram, na medida do possível, sendo inseridas no cotidiano das escolas.

Atualmente, precisa-se compreender que as disciplinas são complexas, apresentam muitas informações, precisas e importantes, e isso contempla a realidade do Ensino de História. Em função disso, temos que construir melhores formas para se aprender e de se ensinar história.

Sobre esse olhar o professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber fazer, o saber fazer bem, lançar os germes do histórico. Ele é responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vistas. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemática. (BITTENCOURT, 2012).

Hoje, há inúmeros recursos que não existiam antigamente, que podem favorecer a prática do professor, no ensino da disciplina História. As metodologias precisam ser adaptadas de acordo com a realidade, nível de aprendizagem dos alunos para facilitar o aprendizado. Uma dessas ferramentas é o uso de recursos didáticos com materiais simples, em nossas próprias casas, como documentos, livros históricos, enfim, instrumentos que possibilitam a compreensão da abordagem do Ensino de História e atraem os alunos para as aulas.

Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli (2004, p. 105) afirmam:

Hoje, o desafio de usar diferentes documentos como fonte de produção para o conhecimento histórico e também como veículo para o ensino da História é amplamente debatido. Da mesma forma, buscaram-se diversificar as possibilidades de uso de documentos históricos em sala de aula com o objetivo de construir propostas de ensino identificadas com as expectativas e a cultura do aluno. Uma das fontes mais interessantes para trabalhar na sala de aula refere-se ao conteúdo de documentos guardados na casa do próprio aluno (SCHMIDT; CAINELLI 2004, p. 105).

Dentre as variadas formas de ensino está a educação a partir do próprio conhecimento do aluno. Precisamos trazer para nossas salas a participação dos estudantes, o que ele sabe e da forma dele e, a partir daí, construir de forma clara e objetiva um aprendizado coerente com os conteúdos propostos e os saberes dos alunos. A esse respeito Paulo Freire destaca:

Para mim é impossível compreender o ensino sem o aprendizado e ambos sem o conhecimento. No processo de ensinar há o ato de saber por parte do professor. O professor tem que conhecer o conteúdo daquilo que ensina. Então para que ele ou ela possa

ensinar, ele ou ela tem primeiro que saber e, simultaneamente com o processo de ensinar, continuar a saber por que o aluno, ao ser convidado a aprender aquilo que o professor ensina, realmente aprende quando é capaz de saber o conteúdo daquilo que lhe foi ensinado. (FREIRE, 2003, p. 79)

Assim, o professor precisa ter conhecimento do conteúdo a ser trabalhado junto aos seus alunos e procurar uma estratégia acessível e compreensível para que o aluno possa compreender melhor o que está sendo abordado. No caso do ensino de história hoje, esse procedimento pode ocorrer com o auxílio de filmes, documentários, músicas, etc., bem como oportunizar ao aluno um momento de fala e possibilitar a autonomia na construção do seu próprio conhecimento e que o professor seja apenas o mediador dessa construção.

2.2 O estudo de história e aprendizagem histórica

O currículo oferece os segmentos básicos e fundamentais para a formação escolar e por isso devemos compreendê-lo e fazer uso dele de forma efetiva dos conteúdos.

A disciplina de História envolve inúmeros aspectos humanos para a construção social, política, econômica e cultural. É nela que se constrói pensamentos críticos pautados em reflexões sobre os tempos históricos e a diversidade ao longo da formação social humana, ou seja, o Ensino de História nos permite resgatar informações e valorizar a nossa cultura e passado.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais temos:

A proposta da História, para o ensino fundamental, foi concebida para proporcionar reflexões e debates sobre a importância dessa área curricular na formação dos estudantes, como referência aos educadores, na busca de práticas que estimulem e incentivem o desejo pelo conhecimento. O texto apresenta princípios, conceitos e orientações para atividades que possibilitem aos alunos a realização de leituras críticas dos espaços, das culturas e das histórias d seu cotidiano (PCNs, BRASIL, 1997, p. 15).

A disciplina é fundamental porque nos faz mais reflexivos, críticos e analistas da diversidade do passado. Ser crítico, ter consciência e conhecimento de fatos que marcaram algum período histórico são aprendizados que construímos quando estudamos e interpretamos a História. E a escola deve contribuir no auxílio ao

estudante para o desenvolvimento de suas competências intelectuais e, tão importante quanto isso, prepará-lo para o exercício da cidadania.

A escola pode a longo prazo formar cidadãos capazes de fazer uma sociedade melhor, proporcionando sempre novas maneiras e ideais a serem seguidos. A instituição escolar, além da formação intelectual e de conteúdo, é responsável por ensinar a conviver, construindo pessoas capazes de viver em sociedade. Do ponto de vista de Paulo Freire, no que concerne a particularidade da natureza pedagógica da Escola, para ele:

É uma escola em que realmente se estude e se trabalhe. Quando criticamos, ao lado de outros educadores, o intelectualismo de nossa escola, não pretendemos defender posição para a escola em que se diluíssem disciplinas de estudo e uma disciplina de estudar. Talvez nunca tenhamos tido em nossa história necessidade tão grande de ensinar, de estudar, de aprender mais do que hoje. De aprender a ler, a escrever, a contar. De estudar história, geografia. De compreender a situação ou as situações do país. O intelectualismo combatido é precisamente esse palavreado vazio, sonoro, sem relação com a realidade circundante, em que nascemos, crescemos e de que ainda hoje, em grande parte, nos nutrimos. Temos de nos resguardar deste tipo de intelectualismo como também de uma posição chamada antitradicionalista que reduz o trabalho escolar a meras experiências disso ou daquilo e a que falta o exercício duro, pesado, do estudo sério, honesto, de que resulta uma disciplina intelectual. (FREIRE, 2003, p. 114)

Ao se adotar uma proposta de escola freiriana, a disciplina História passa a exercer uma forte influência na vida dos estudantes, podendo ajudar na formação de cidadãos. A História é um campo de estudo que se dedica a analisar a dinâmica da vida, as ações e opções dos homens em seus diferentes contextos socioculturais e temporais. Ensinar o jovem a descobrir por suas próprias interpretações e cooperar em vez de competir são traços marcantes da disciplina História no seu processo de construção do cidadão.

Sobre isso, Freire já afirmava: “A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria história, mas puro determinismo” (1996, p. 15).

Mais tarde, Ruiz reafirma:

As políticas educacionais, organizacionais e curriculares são portadoras de intencionalidade, ideias, valores, atitudes e devem ser entendidas no quadro mais amplo das transformações econômicas,

políticas, culturais e geográficas que caracterizam o mundo contemporâneo (2008, p. 09).

A esperança que os autores afirmam é a nossa busca incessante por novas descobertas, por saberes e até mesmo por querer conhecer nossas raízes culturais. A compreensão da dinâmica da transformação na experiência histórica pode ser a base da construção de nossas esperanças.

Ao se falar em história, de uma forma ou outra, estamos construindo identidades, estamos nos reconhecendo dentro de um contexto mais geral, nos dando um lugar no mundo. A história, com conhecimento, é construção e interpretação. Estudar História, como disciplina, significa interpretar outras culturas em outros tempos e espaços.

Passou-se o tempo em que só tínhamos que memorizar datas, nomes que marcaram nossa história, cidades, países, acontecimentos e objetivos de várias guerras, brigas, revoluções, ditaduras, numa perspectiva da História Oficial. Isto por que começamos a perceber que seria mais interessante interpretar esses dados que saber os nomes e onde aconteceram, fazendo uma leitura histórica pelo olhar da historiografia francesa dos Annales (JURANDIR, 2006).

Segundo Maier (2012, p. 01):

A Educação pode significar instrução isto é o resultado de um processo de atividades dirigidas através de interações que é o ensino, e é caracterizado pelo nível de desenvolvimento intelectual e das capacidades criadoras que leva a aquisição de um conjunto de conhecimento científico, culturais e sociais para a formação harmoniosa das diferentes esferas que comportam a personalidade.

O novo olhar para a disciplina requer pessoas mais atentas aos porquês, as consequências causadas, os motivos geradores para cada movimento e não apenas nomes e outras situações como foram citadas.

Estudar qualquer que seja as particularidades dos conteúdos que a disciplina apresenta (História do Brasil, Antiga, Moderna, Medieval, etc.), significa compreender a diversidade de culturas e experiências políticas que formaram os homens no tempo, ou seja, nosso passado.

No caso brasileiro, os fatos históricos que contribuíram para a nossa formação cultural, a princípio, eram tratados de forma a excluir a população. Hoje, isso já se apresenta de forma diferente, a introdução da Escola dos Annales na

historiografia inseriu os diversos grupos sociais não temas abordados pela pesquisa histórica e, assim, as narrativas ganharam uma dimensão mais diversa.

O estudo da História nos possibilita elaborar uma nova compreensão em relação ao nosso país e ao nosso povo, reconhecendo a dinâmica e as contradições. Estudar a história pode nos ajudar a compreender com mais criticidade e reflexão as contradições do nosso país, proporcionando a compreensão da nossa identidade, a partir do reconhecimento de nossas diferenças. Esse processo é constituído e constituinte de questionamentos, que fazem toda a diferença entre o conhecer e compreender os porquês dos acontecimentos históricos.

3 A CONHECENDO O CAMPO DE PESQUISA

A UEMD Sarney de Araújo Costa é uma escola pública municipal de Codó/MA, dedicada ao Ensino Fundamental. Foi inaugurada em 16 de abril de 1996, localizada na Praça Padre Giusepp Pelegrini, s/n, no bairro Nova Jerusalém em Codó/MA. A escola começou com quatro salas de aula, funcionando de 1º a 4º série e atendendo os três turnos. Recebeu os alunos de duas instituições, a Escola Municipal Nova Jerusalém e a Escola Municipal São Pedro, esta última funcionava no salão de festas do senhor Ribinha Muniz. Diante da necessidade, a comunidade se organizou e conseguiu o prédio e por meio de reuniões da Associação de Moradores do Bairro Nova Jerusalém foi decidido por unanimidade o nome da escola em homenagem ao deputado José Sarney Filho. Enquanto instituição educativa, objetiva o cumprimento de sua função de socialização do conhecimento historicamente produzido e acumulado pela humanidade. E como organização social, a escola é parte constituinte e constitutiva da sociedade na qual está inserida.

Atualmente, escola atende a sua clientela distribuída em três turnos de funcionamento: matutino, nos horários de 07:15 às 11:30, vespertino, entre 13:00 e 17:30 e noturno, de 19:15 às 22:30 horas. É uma escola do Ensino Fundamental I e II e atende também essas etapas na modalidade da EJA.

A quantidade de alunos por turno está distribuída em: matutino com 214 alunos, vespertino com 279 alunos e noturno com 99 alunos, estudantes procedentes da própria comunidade e de bairros adjacentes. Nesse contexto, há apenas um único professor de história para atender as turmas do segundo ciclo do

Ensino Fundamental e suas práticas no turno vespertino. Analisamos algumas aulas do professor durante o ano letivo de 2019.

3.1 A disciplina no ensino fundamental na UEMD Sarney de Araújo Costa

As aulas, em geral, eram ministradas de forma dialogada e expositiva. O 6º ano era composto por duas turmas (A e B) com cerca de 25 alunos cada uma. A turma A era mais homogênea e não tinha repetentes. Já a turma B tinha alunos com idades variadas por causa do índice de retenção. O conteúdo trabalhado nas três aulas observadas nas turmas A e B foi a teoria de Darwin sobre a origem e a evolução do ser humano. A princípio, a temática foi colocada no quadro negro e explicada de forma expositiva. Nas duas turmas, a maioria dos alunos estava atento, mas havia um grupo de dispersão. Ao final dessa primeira aula, o professor passou atividades para casa com o intuito de reforçar a aprendizagem. Na segunda aula, o professor solicitou aos alunos em duplas que procurassem no livro a temática indicada e abordada na aula anterior com o intuito de forçar a prática da leitura. Em ambas as turmas, os estudantes desenvolveram a atividade porque valia ponto. Na terceira aula, foi realizada uma discussão em que o professor ia questionando os alunos sobre o tema estudado. Na turma A os alunos participaram mais e responderam voluntariamente às questões formuladas pelo professor sobre o tema. Já na turma B, ele observou que havia pouca manifestação livre dos estudantes e, assim, passou a chamar os alunos individualmente para responderem às questões. Assim que mudou a tática, os estudantes começaram a se debruçar sobre o livro para poderem responder às perguntas. Nas duas turmas, na medida em que os estudantes faziam seus apontamentos, o professor intervia para sistematizar as falas.

Em relação ao 7º ano, a aula seguiu o mesmo modelo do 6º ano, porém há apenas uma turma com cerca de 25 alunos sem repetentes. O professor fez uma explanação na primeira aula sobre o feudalismo. Na segunda aula, passou atividade valendo ponto em dupla com consulta no livro didático e na terceira aula foi realizada uma roda de conversa sobre o tema, discutindo suas características políticas, econômicas e sociais. Esta última aula foi bem produtiva porque os alunos participaram ativamente da discussão.

No 8º ano, há apenas uma turma com cerca de 25 alunos. Seguindo a mesma metodologia, o tema abordado foi o sistema capitalista e os processos de uso irracional dos recursos ambientais. Ele ministrou a primeira aula expositiva, usando o quadro negro como recurso. Na segunda aula, o professor pediu aos alunos que identificassem no texto do livro didático alguns elementos essenciais para poder compreender o que estava sendo trabalhado e foi anotando no quadro negro o que os alunos apontavam e questionava os alunos os motivos de terem elencados aqueles conceitos e como eles poderiam se relacionar com o contexto social, permitindo assim que os alunos fizessem uma relação do conteúdo ministrado e seu cotidiano. Os estudantes gostaram da dinâmica, entenderam os conteúdos e responderam prontamente aos exercícios.

No 9º ano são duas turmas (A e B) de 25 alunos cada uma. Nas duas turmas, ele desenvolveu as mesmas atividades que nas outras turmas. O professor abordou a Crise do Capitalismo e os Regimes Totalitários. Ele ministrou a aula expositiva nas duas turmas. Na segunda aula, passou a leitura do livro didático e um trabalho em grupo com questões para serem pesquisadas no livro e respondidas. Na terceira aula, ele corrigiu as atividades e tirou as dúvidas, explicando que o conteúdo cairia na prova. Da mesma forma que o 6º ano, a turma B do 9º ano era composta por alunos regulares e repentes que criavam um ambiente em desequilíbrio. O professor chegou a comentar que as turmas B davam mais trabalho por causa do desinteresse.

O livro didático trata dos objetos de conhecimento com uma contextualização, que é um dos pilares a construção dos saberes e vem agregada a representações gráficas um léxico compatível com a realidade dos alunos, o que o torna uma boa ferramenta para o processo de ensino e aprendizagem efetivo e significativo. As abordagens pedagógicas estão voltadas para o cotidiano do alunado e a estruturação dos capítulos é baseada nas habilidades presentes na BNCC. O material didático adotado possibilita o norteamento do professor para uma prática docente competente.

As aulas de história aconteciam duas vezes na semana, o que possibilitava o andamento com os conteúdos/unidades do livro, segundo a metodologia do professor, em uma semana e meia. Em relação às outras disciplinas, ele observa que havia uma discussão sobre a relevância da disciplina em relação aos conteúdos de português e matemática. O professor da UEMD Sarney Araújo Costa analisa a

valorização da disciplina através das disciplinas de peso Português e Matemática e as leves História, Geografia e Ciências.

Para ele, as outras disciplinas como artes, religião e educação física não foram citadas no quadro, pois não são disciplinas aprovativas, são apenas para cumprimento de carga horária.

Muitos não percebem a importância da disciplina para a formação individual. Somos parte de uma história, arraigada de culturas, tradições, costumes e conceitos. E em vista dessa leitura histórica, percebe-se mudanças em relação a disciplina de História, seja pelas discussões inseridas nas práticas educacionais, pelos questionamentos, aprendizados, posturas cada vez mais reflexivas associadas aos conteúdos.

De acordo com KARNAL (2010, p. 22) temos:

É necessário, portanto, que o ensino de História seja revalorizado e que os professores dessa disciplina conscientizem-se de sua responsabilidade social e perante os alunos, preocupando-se em ajudá-los a compreender e – esperamos – a melhorar o mundo em que vivem.

O educador da disciplina visa sempre resgatar todas as informações necessárias para a compreensão do mundo, da construção de nossa cultura e, conseqüentemente, aprender e não apenas ficar informado, sem adicionar nada ao nosso conhecimento.

Deste modo, uma ação do professor que pode favorecer a compreensão dos alunos acerca do mundo que os rodeia é trazer os fatos históricos por meio de narrativas, propondo uma roda de conversa e permitindo que o alunado participe do debate por meio de suas próprias impressões. Na prática do professor do Ensino Fundamental, das turmas do 6º ao 9º da escola analisada, podemos perceber que lançou mão de debates depois que os alunos já tinham entrado em contato com as informações ministradas e as leituras. Nessa proposta, ele tentava atrair os alunos por meio do conhecimento deles próprios, porém o retorno não era tão satisfatório por causa do desinteresse dos estudantes em relação à leitura e à escrita.

Ainda KARNAL (2010, p. 22):

Para isso, não é bom confundir informação com educação. Para informar aí estão, bem à mão, jornais e revistas, a televisão, o cinema e a internet. Sem dúvida que a informação chega pela mídia, mas só se transforma em conhecimento quando devidamente organizada. E confundir informação com conhecimento tem sido um dos grandes problemas de nossa educação... Exatamente porque a informação

chega aos borbotões, por todos os sentidos, é que se torna mais importante o papel do bom professor.

Sabe-se que os primeiros conhecimentos obtidos pelas crianças se dá pelo seu envolvimento familiar, ali está se construindo as facetas de sua personalidade, e ao mesmo tempo construindo informações a respeito de sua história (ALMEIDA, 2018). Já na sala de aula, o que se aprende são figurações da história em relação a sua cultura, do seu antepassado e das consequências que até hoje assolam nossa sociedade.

Na escola analisada, o professor tentava informar, com as aulas expositivas, e produzir conhecimento durante a prática do debate e dos exercícios de leitura e redação das respostas dos questionários. Nem sempre ele conseguiu atingir seus objetivos porque muitas vezes se deparou com o já referido desinteresse dos alunos e a dificuldade de ler, interpretar e elaborar os conteúdos sem copiar o livro didático.

A leitura é estimulada, mas nem sempre esse estímulo atinge o aluno. E, talvez, esse seja o motivo das dificuldades com o ensino dessa disciplina. Monteiro (2001, p. 25) destaca um ponto importante sobre as aulas de história:

Na verdade, as aulas de História são um espaço privilegiado onde a leitura de mundo, que cada aluno faz, mesmo que de forma bastante incipiente, calcada no senso comum seja ampliada e criticada num processo em que ele deve ser considerado pelo professor um interlocutor ativo.

Enfim, o uso crítico-criativo de metodologias em sala de aula, não se resume à transmissão de informações ou comentários, mas ao aprendizado. A disciplina hoje resgata os conteúdos que são necessários para que se compreenda a vida, mas as condições do sistema educacional dificultam essa formação intelectual dos estudantes. É preciso fazer com que os alunos compreendam que o estudo é a única forma de se conquistar e consolidar a cidadania e os direitos civis e sociais.

4 A MOTIVAÇÃO PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA

Atualmente, existe uma grande discussão acerca do espaço educacional, principalmente no que diz respeito ao aprendizado dos educandos. Os tempos são outros, com novas tecnologias de comunicação como a internet e o celular. Isso

levou a novas formas de ensinar e a uma evolução do aprendizado que criou situações distintas das que aconteciam antes desses recursos.

Segundo Hoffing (2003, p. 02):

O ensino de história mudou muito nos últimos anos e os alunos são considerados participantes ativos na construção do conhecimento. Deve-se estabelecer relações, construir noções de diferenças e semelhanças, de continuidade e permanência. Comparar acontecimentos no tempo, tendo como referência os conceitos de simultaneidade e tempo/espaço.

Estamos vivendo em uma outra época em relação às metodologias, e os recursos, o professor deixou de ser o centro referencial na sala de aula e esse eixo passou a ser o aluno. Com isso, os avanços, as tecnologias e os recursos foram agregados a esse novo jeito de se construir a aprendizagem. A disciplina passa a ser discursiva, com linhas de interpretação dos momentos históricos e os recursos utilizados passam a ser de suma importância para a participação dos alunos.

Segundo os PCNs (BRASIL, p. 35):

O ensino e a aprendizagem de História envolvem uma distinção básica entre o saber histórico, como um campo de pesquisa e produção de conhecimento do domínio de especialistas, e o saber histórico escolar, como conhecimento produzido no espaço escolar.

Assim, o ensino de história deve levar os alunos a compreenderem as informações claras e objetivas para procederem com os debates. E para isso, é preciso motivar e adaptar o ensino às novas metodologias. A compreensão da História se dá principalmente pela interpretação de dados, fatos históricos e da leitura crítica-reflexiva sobre eles para que se possa fazer uma análise. Nikitiuk (1999, p. 14) comenta:

o conteúdo de História, não é o passado, mas o tempo ou, mais exatamente, os procedimentos de análises e os conceitos capazes de levar em conta o movimento das sociedades, de compreender seus mecanismos, reconstruir seus processos e comparar suas evoluções.

Diante disso, é preciso motivar os alunos. A motivação para a aprendizagem deve acontecer naturalmente, onde o educando, consciente de que a vida é dinâmica, seja capaz de querer desenvolver-se em todos os aspectos. O educando motivado ultrapassa os obstáculos para alcançar seus objetivos. Segundo Carrell (1970, p. 36): alguém pode estar motivado para aprender algo porque gosta e

aprende muito mais rapidamente e melhor. Cleni (2011, p. 9, entrevista à Revista Mundo jovem) afirma que:

um motivo é basicamente dividido em duas partes. A primeira refere-se ao impulso. Este é um processo interno, pelo qual a pessoa instigada à ação. A segunda refere-se à ação do indivíduo devido a uma provocação externa. Esta provocação pode ocorrer por vários fatores, dentre eles, um objetivo preestabelecido ou uma recompensa.

A última causa, um efeito redutor no incitamento interno, porque, após o indivíduo alcançá-la, o motivo deixa de existir. Se muitas vezes, o educador não consegue estimular os educandos, parte para um comportamento de barganha e gira entre o professor e seu controle dos pontos e os alunos. Essa atitude é considerada negativa, pois o educando estuda sob coerção, ou seja, estuda para não ser castigado ou reprovado. E, em geral, esse aprendizado não é duradouro, será esquecido num curto período de tempo. Essa motivação negativa é prejudicial porque leva o educando a sentir-se oprimido, envergonhado e inferior por estar sob o controle do educador. Tais atitudes levam o educando a sentir aversão pelo educador e até mesmo pelo ambiente da escola, inibindo, assim, o processo ensino-aprendizagem.

Para que a motivação seja um caminho que conduz à aprendizagem, é imprescindível que haja uma relação harmoniosa, permeada pelo diálogo entre professor e aluno. Nesse pensamento, Seffner (2000, p. 53) afirma que para sair de um ensino de história com teorias e metodologias pobres é preciso:

- 1) estabelecer alguns objetivos pertinentes para o ensino de história na escola, nos quais preocupações de natureza teórico-metodológica estejam contempladas;
- 2) discutir a ideia proposta do ensino de situações complexas (com quem e para quem, e por que ensinar);
- 3) estabelecer vínculo entre o estudo de uma situação complexa e a necessidade de reflexão teórico-metodológico em História.

Acredita ainda que, agindo assim, é possível entender as diferenças individuais presentes no contexto, tais como: “a) a personalidade; b) o grau de interesse pelo estudo; c) o amadurecimento emocional; d) o resgate dos valores; e) a compreensão da importância das disciplinas, em especial História, etc.” (SEFFNER, 2000, p. 51). Essas diferenças devem ser consideradas em sua totalidade, pois cada um possui a sua trajetória. E, motivar para a aprendizagem, é permitir que os educandos descubram sua maneira de aprender, sem ferir a sua personalidade.

O professor de História deve fazer, por meio de aulas motivadas, o seu aluno perceber as relações existentes na estrutura social e nos processos históricos. Isso traz implicações para o conceito de verdade histórica e faz o aluno perceber que não existe uma única interpretação. Diante disso, compreenderá que a História é um grande processo em construção e fruto de negociações entre diferentes grupos sociais. Outro ponto determinante para que haja fluência no aprendiz é a relação entre o professor e o aluno, o respeito à individualidade de cada um e o tempo de aprendizagem. No contexto atual, as alternativas para se ensinar história são bem diversificadas dentre essas diversificações podemos apresentar. A roda de conversa, por exemplo, é uma forma de despertar no aluno o interesse pela aula. O professor pode iniciar o diálogo e ir oportunizando o momento de fala para cada estudante e, quando necessário, fazer a intervenção pedagógica diante das pontuações apresentadas pelos alunos. Nesse sentido, estabelecer sua vontade de fazer uma tarefa e o quanto ele acredita ser capaz de realizá-la. Com isso, o estudante desenvolve uma narrativa pessoal sobre o quanto é capaz e o quanto é ou não responsável pelos seus fracassos e sucessos.

Nesse contexto, podemos salientar que apenas a aula expositiva e a leitura do material didático não é suficiente para atrair a atenção dos alunos na sala de aula.

4.1 Propostas metodológicas de atividades para o ensino de história numa perspectiva construtivista

O professor da UEMD Sarney Filho utiliza essa metodologia, porém ele mesmo percebe que há limitações e desafios. Os debates propostos pelo professor aumentam o envolvimento dos estudantes, dando certo dinamismo à aula.

A partir das leituras dos historiadores e educadores que lidam com o ensino de história, podemos sugerir algumas dinâmicas que o professor poderia desenvolver com os alunos. Aqui vamos sugerir atividades para cada turma, levando em consideração as características observadas em sala de aula como uma tentativa de uma solução para cada problema.

No 6º A, é uma turma mais interessada que o 6º B e desenvolvia mais as atividades propostas, mas nem toda a turma estava motivada. Como sugestão, o

professor poderia trabalhar com a técnica da sala de aula invertida, porém modificada para a realidade da escola (SILVEIRA JUNIOR, 2020).

De forma simplificada, na Sala de Aula Invertida, o que é feito na escola, será feito em casa, o dever de casa feito em casa será concluído na aula” (BERGMANN E SAMS, 2020). Além disso, a Sala de Aula Invertida “ocorre em um ciclo de três momentos: antes, durante e depois da aula. Cada momento necessita que o professor e os estudantes assumam suas respectivas funções para o bom desenvolvimento das atividades”. (p.14).

Ao invés de deixar os alunos estudarem os conteúdos em casa, como deveria ser nessa técnica, o professor ministraria uma aula expositiva, como ele já faz. E, nas aulas subsequentes que ele deveria passar atividades, ele poderia criar exercícios mais lúdicos. Uma ideia seria uma competição entre os alunos ou grupos de alunos que respondessem as perguntas de forma correta. Poderia desenvolver nessas aulas de práticas gincanas com prêmios, que poderiam ser balas, chocolates ou pontos. O professor dividiria a sala em duas e elaboraria perguntas para os alunos. Um estudante de cada equipe ficaria na frente e com a mão na cabeça. Assim que a pergunta fosse feita e ele soubesse responder, ele bateria a mão na mesa e se respondesse errado, a equipe perderia a vez. A cada resposta certa, a equipe pontuaria e, ao final, o grupo vencedor ganharia o prêmio. No caso da turma B, que é mais dispersa, é possível usar a mesma prática, mas com eles seria importante conhece-los melhor. Assim, uma roda de conversa com a turma sobre amenidades e o que gostam de fazer fora da escola poderia auxiliar no processo de aprendizagem, na medida em que conhecendo os interesses do aluno, o professor pode propor atividades e temas que se encaixam nos gostos dos estudantes. Em um exemplo, se eles gostam de jogar futebol, a gincana de conhecimentos poderia acontecer permeada pelo desafio de acertar uma bola de meia em um gol pequeno e, a partir daí poder responder as perguntas. Nisso, poderia ocorrer uma união dos alunos estudiosos com os desinteressados, que em geral, estão mais inclinados aos esportes. Mas como nem sempre isso é verdade, é importante conhecer os interesses de todos para criar atividades divertidas.

No que concerne às aulas para a turma do 7º ano, é uma sala bem extrovertida e com mais autonomia, diante disso, o professor poderia trabalhar atividades externas à escola como um passeio ao museu do Instituto Histórico e Geográfico de Codó para possibilitar aos alunos a contextualização dos fatos

históricos. Previamente, o professor deve disponibilizar um roteiro com pontos essenciais, tais como: datas de fatos acontecidos, momentos marcantes da história e que possam ser observados no acervo do museu, pessoas envolvidas nesses eventos, etc., abrindo a oportunidade para outras informações que os alunos venham a observar na visita ao local. Na aula seguinte, como retorno da atividade, sugerimos colocar os alunos como coautores de suas narrações, fazendo a socialização das informações adquiridas e solicitando um relato escrito como parte final da prática que pode ser agregada a outras informações apresentadas por eles na sala. Assim, os estudantes podem explorar suas crenças, valores, interesses e objetivos na escola e fora dela, com autogestão para chegar aos conteúdos e refletir continuamente sobre seu próprio desenvolvimento por meio da auto avaliação.

Para os alunos do 8º ano, sugerimos uma aula mais atrativa que despertaria a motivação deles por meio de um júri popular. Para abordar o tema “O sistema capitalista e os processos de uso irracional dos recursos ambientais”, os estudantes observariam os pontos positivos e negativos. Divididos em três grupos, dois de debatedores e um como júri popular, os alunos debateriam sobre um tema com o proposto de chegar a um veredito. Os debatedores deveriam apresentar as defesas ou acusações, realizando a simulação de um tribunal judiciário, onde o tema seria discutido. Deste modo, esse tipo de atividade oportunizaria o aprofundamento discussões dispostas em sala de aula, visto que os alunos devem pesquisar e estabelecer relações entre assuntos e contextos para apresentar os argumentos favoráveis ou contrários a questão apresentada. Assim, trabalhar os temas históricos com essa perspectiva irá propor ao aluno mais responsabilidade com sua aprendizagem e organização das informações adquiridas, que logo serão transformadas em conhecimentos sistematizados.

Nessa turma do 8º ano, mas também poderiam ser realizadas na turma no 7º ano, ainda podem-se realizar atividades fora da sala de aula, ou seja, as aulas extras-escolares para aprimorar o ensino por propor uma estratégia diferente da tradicional. A aula fora da sala física permitiria ao estudante identificar fatores que interferem na motivação deles para a realização de tarefas “para casa”. A escola tem espaço para ser aproveitado e, mesmo que seja uma aula expositiva, só de trocar de ambiente já permitiria um melhor aprendizado. Outra proposta que caberia a essa turma, seria o uso das imagens que despertam a motivação imediata dos alunos por leva-los, direcionados pelo professor, a pensar sobre a ilustração e analisa-las criticamente.

Sendo assim, o professor poderá após o estudo de um determinado tema, desafiar os alunos a demonstrar o que aprenderam através de representação de imagens que poderia ser feita por meio de maquetes, cartazes, mosaicos, vídeos, etc. Refletir sobre as imagens é uma das tarefas urgentes da escola e cabe ao professor despertar no aluno esse olhar. (BITENCOURT, 2001).

Em relação as turmas do 9º ano, o professor poderia trabalhar com os seminários com plenária, o que proporcionaria a interação entre os alunos por meio de perguntas. Primeiro, o professor distribuiria os conteúdos para a classe organizada em grupos, orientando-os para que se prepararem para a apresentação. Trabalharia conteúdos por meio de plenária e faria com que os alunos se organizassem para exporem diante dos colegas o conteúdo estudado. Essa atividade é importante porque faz com que os alunos desenvolvam as competências para a exposição de ideias como o controle psicológico, a confecção de materiais de apoio como cartazes, mapas e slides, procurando deixar visível o domínio do conteúdo que foi proposto por cada um deles. E no dia da apresentação, o docente faria uma fala inicial para começar a aula, direcionando o assunto a ser tratado e o momento em que cada um deverá apresentar sua exposição. Fisicamente, o professor deveria alterar a disposição das mesas e carteiras para tornar o ambiente mais propício para o momento.

E quando for trabalhar com as turmas separadamente, a turma A poderia apresentar o assunto por meio de dramatização, onde o professor iria denominar cada ator para desenvolver seus papéis e, como forma de sistematização do conteúdo, o professor poderia ir fazendo anotações para depois discutir com os alunos, como uma forma de fechamento do tema. E na turma B, que é mais dispersa que a A, porém melhor que o 6º B, as fontes orais poderiam ser um recurso interessante, que aproximaria a comunidade escolar do ambiente. O professor trabalharia o conteúdo de forma geral sobre determinado tema e os alunos organizariam um bloco de perguntas que deveria ser respondida por um convidado da comunidade por meio de entrevistas ou palestras. O convidado a ser escolhido poderia ser parentes de alunos ou estudiosos da cidade, ou ainda pessoas que vivenciaram certos fatos históricos.

Assim, oferecer atividades desafiadoras para os estudantes tiram o aluno da sua zona de conforto, o que estimula a sua curiosidade. Nesse sentido, diferenciamos nossas aulas a partir de recursos que levamos para dentro da sala,

pois estes irão atrair os alunos e certamente eles aprenderão com mais facilidade. Atualmente, os meios de comunicação, os recursos tecnológicos acessíveis podem ser utilizados nas aulas e fazem parte de um conjunto de mediações a favor do aprendizado do aluno atual.

Por fim, a partir de uma nova construção do processo de aprendizagem na disciplina História, poderemos criar condições para a modificação de ideias, hábitos e atitudes em relação ao que se aprende. E para que se desenvolva a capacidade de construir e defender novos pontos de vista, por meio de novas aprendizagens e de novas formas, é preciso inserir, de forma rápida, os aparatos tecnológicos e criativos dentro das salas de aula, para que assim tenhamos uma alicerce concreto em relação a construção de aprendizado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de História é importante como instrumento modificador da vida dos estudantes e, como um conceito histórico, passou por inúmeras mudanças. Hoje, o estudo da disciplina deve propiciar a todos os públicos, independentemente da rede escolar pública ou privada, o desenvolvimento pleno da intelectualidade e da capacidade crítica e reflexiva. Ela requer mais que uma prática de pesquisa entre o presente e o passado, mas também formas de se aprender a interpretar e mediar as consequências das ações dos indivíduos e dos Estados.

Ao longo de nossa própria construção de identidade, observados os avanços e as mudanças que a nossa própria história sofreu e que interferiram em nossas vidas. Portanto, para se construir ou compreender fatos históricos é preciso estabelecer o conhecimento por meio de nossa própria história, utilizando, no ensino de história, o aluno como referência.

Há fragilidades encontradas no ensino de História na escola estudada e barreiras do sistema educacional que dificultam os processos de aprendizagem. Alguns aspectos dificultam o trabalho do professor, porém o docente deve selecionar meios constantes que, a partir das reações dos alunos, estabeleçam a diferença para aquele momento de aprendizado e os momentos posteriores em que os conteúdos serão vivenciados. O professor deve fazer uso da criatividade para reproduzir novos conhecimentos. E em relação aos recursos, os professores podem

ouvir, trabalhar com os próprios alunos aquilo que seja útil para eles, vivenciar a sala de aula em uma ação interdisciplinar e criar laços entre o educando e o educador.

Sugerimos ações para sanar os problemas de desinteresse identificados nas turmas analisadas. O professor deve ser capaz de criar materiais e até mesmo novas estratégias diferenciadas com uma perspectiva lúdica que incentive os alunos a ter gosto pelas aulas e melhorar o seu conhecimento em relação ensino aprendizagem. E com essas práticas criativas e específicas para cada turma, os alunos vão se desenvolver como leitores críticos.

Por fim, enquanto professores de História, devemos refletir sobre as nossas práticas, a importância dos estudos da História em sala de aula e as possíveis mudanças nas metodologias a partir dessas novas práticas inseridas na sala de aula. E, no caso da UEMD Sarney Filho, as propostas sugeridas poderiam mudar a realidade do aprendizado de História no segundo ciclo do Ensino Fundamental.

REFERENCIAIS

ALMEIDA, Vasni. **História da educação e método de aprendizagem em ensino de história** /– (org.). Palmas/TO: EDUFT, 2018.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais: história e geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Patria, civilização e trabalho**. O ensino de História nas escolas Paulistas. São Paulo: Loyola, 1990.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Os confrontos de uma disciplina escolar: da história sagrada à história profana. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.13, n.25/26, p.193-221, ago. 1993.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História, fundamentos e métodos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

CABRINI, Conceição. **Ensino de História: revisão urgente**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARREL, Alexis. **O homem, esse desconhecido**. Rio de Janeiro: Vida Verde, 1970.

CHARTIER, Roger. **História cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários às práticas educativas**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo, Cartas a Cristina: **reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2003.

GARIN, Eugenio. **L'éducation de l'homme moderne**. La pédagogie de la Renaissance (1400- 1600). Paris: Fayard, 1968.

HILBRAND, Jean. **O autoritarismo exemplar: como Valentim Jamery Durval aprendeu a ler?** IN CHARTIER, Roger (org.) Práticas de leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

HOFFING, M. A. Z. **As páginas de História**. Cad. Cedes. Volume 23. Número 60. Campinas: 2003.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1998.

KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008.

KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6. ed., 1ª Reimpressão – São Paulo: Contexto, 2010.

MAÍEL, Maria da Glória. **Importância da História na Educação**. Educação em Foco, ed. Nº 08, 2012. UNISEPE.

MONTEIRO, Ana Maria. **Ensino de História: das dificuldades e possibilidades de um fazer**. In: DAVIES, Nicholas. Para além dos conteúdos no ensino de história. Access. Rio de Janeiro: 2001.

MONTEIRO, Ana Maria. et al. (Org.) **Pesquisa em Ensino de História**. Entre desafios epistemológicos e apostas políticas. Rio de Janeiro: Mauad: Faperj, 2014.

NIKITIUK, Sônia Leite. (org.) **Repensando o ensino da História**. São Paulo: Cortez, 1999.

PILZ, Cleni. Entrevista sobre motivação para aprendizagem. **Revista Mundo Jovem**. 2011: ano XLI, nº 335.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. 9. ed. ampl. — Rio de Janeiro : Editora FGV, 2007.

RUIZ, L. K. **A Implantação do Ensino Fundamental de Nove Anos, de 06 de Fevereiro de 2006: Contexto e Expectativas**. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Licenciatura em Pedagogia. Bauru: 2008.

SANTOS, Lorene dos. **Desafios da Mudança no Ensino de História**. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.

SEFFENER, Fernando. Teoria, metodologia e ensino de História. In. Guazelli César Augusto Barcellos. et. al. **Questões da teoria e metodologia da História**. Porto Alegre: ed. Universidade/UFRGS, 2000.